

O SENTIDO E A IRRACIONALIDADE DA VIDA DIANTE O LIMITE DA EXISTÊNCIA NO CONTEXTO PÓS-MODERNO: LEITURA SIMBÓLICA DO FILME “CLICK”.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima (PUC/SP)

Introdução

A existência Humana se manifesta através do corpo concreto, onde também são sentidas as emoções e angústias diante as situações reais da vida. Contudo, este corpo é, de fato, finito; sabe-se que a Morte é realidade na Vida para todo Ser Humano, o que causa agonia e carência de compreensão da totalidade do fenômeno de existir e morrer.

A Modernidade contemporânea caracteriza-se por uma crise de identidade e valores, em que as pessoas não sentem-se orientadas ou seguras para realizarem suas escolhas, o que gera profunda crise existencial. Perdura o vazio e a falta de significado numa realidade cheia de signos sem sentido, desmitificados pela razão – promessa não cumprida da Modernidade em responder as questões humanas. Tal crise, somada à racionalização do Sagrado e à simulação da Vida, e com a falta de significados aos signos – que já nada podem simbolizar para a subjetividade – ampliam ainda mais a lacuna de compreensão sobre o existir e sobre a transcendência humana.

Sendo a arte uma das formas mais antigas utilizadas pelo Ser Humano para expressão, manifestação e compartilhamento de seus sentimentos e realidade profunda, sua análise pode ser meio de compreensão dos conflitos humanos no que se refere às esferas bio-psico-social, bem como existenciais, religiosas e metafísicas. O cinema, como expressão artística altamente popular na atualidade, constitui, então, rica fonte de observação dos conflitos humanos contemporâneos, expressando os sentimentos e dilemas comuns da pessoa moderna, que vive em grandes centros urbanos em crise de identidade e de valores. Além disso, compõe-se como precursor de um processo de reflexão pessoal e ampliação da consciência que pode levar o sujeito a uma experiência religiosa e psicológica de transformação – e, no caso da morte, sem precisar factualmente experimentá-la, mas apenas simbolicamente.

Sendo assim, o presente trabalho pretende concentrar-se no sentido metafísico da vida contemporânea e o limiar da Morte retratados na linguagem cinematográfica. Com o objetivo de analisar o conflito humano diante o viver e o morrer, bem como sua relação com espiritualidade e com as características da Crise da Modernidade, a análise se dará através da decomposição dos elementos simbólicos constituintes do

religioso e metafísico, presentes no filme “Click” (USA, 2006), de Frank Coraci. Através da investigação fenomenológica dos elementos e símbolos religiosos referentes à angústia humana sobre o viver e o morrer no modo de vida contemporâneo presentes no filme, pretende-se elucidar a percepção contemporânea da relação entre Vida, Morte e Transcendência, valendo-se do Método de Análise teológica do Filme, de R. F. Daniel.

Considerando que a arte cinematográfica reflete simbolicamente a vida e sua análise pode evidenciar os conflitos coletivos ou comuns da humanidade, auxiliando a compreensão dos conflitos existenciais no cotidiano das pessoas, e que a espiritualidade (ou a experiência mística/religiosa não dogmática) promove a ampliação da consciência existencial do Ser Humano e do sentido da sua vida e morte, ao apontar a transcendência nas relações e experiências do Amor, percebe-se que o filme “Click” apresenta elementos religiosos e simbólicos que condensam o sentido da Morte e Vida na existência humana em crise de valores e identidade. O filme retrata que a experiência simulacra de existência promove a sensação de vazio e de perda de tempo no Ser Humano Contemporâneo que, ao buscar controlar sua realidade, perde o sentido e o valor da vida, tendo a experiência do estado de morte em relações e atitudes mecânicas e alienadas. Por fim, o filme traça que o encontro do Ser Humano, imerso neste estado de sonambulismo, com o limite da vida, é uma experiência transcendental que promove a reavaliação de suas escolhas.

Arte, Cinema e Ser Humano Contemporâneo

Tenho observado entre amigos e conhecidos, na tendência da programação televisiva e na retomada do fascínio pelo cinema – seja na sala escura, seja motivado pela era dos CDs e da facilidade da Internet: percebo uma grande tendência para cada vez mais se ver filmes e ler menos livros. Parece haver uma afinidade maior da modernidade com a linguagem cinematográfica que com a literatura.

Filmes baseados em obras literárias: é comum a afirmação de que o livro é melhor que o filme; no entanto, a maioria vê o filme e não lê o livro. Na geração da velocidade, em duas horas se tem o resumo da obra, com a preservação da idéia principal segundo a interpretação de um diretor. O tempo... não há tempo para parar, para ler, para refletir... há sempre o cansaço, a fadiga para o ser humano contemporâneo, vivendo nos grandes aglomerados urbanos. Mas os filmes condensam as idéias, e têm recursos que exigem uma entrega sensorial e emocional mais ampla

pelo sujeito: emoção, visão, audição, música, sons, ritmos, cores, enredo – e tudo simultaneamente.

Não há a pretensão, nestas observações, de realizar um juízo de valor; não há discussão em qual é a melhor linguagem para a arte, mas apenas a intenção de constatar e compreender um fato: a linguagem cinematográfica faz parte da realidade cotidiana urbana e contemporânea na vida das pessoas. De todo modo, ainda que seja reconhecida como insubstituível, a literatura perde rapidamente o espaço para outro tipo de linguagem: o cinema.

A função da leitura apontada por Blum (s/d), a avaliação e reflexão no contato com a solidão, pode também ser a função do cinema atualmente. A identificação com o enredo e personagens, a reflexão sobre a própria condição de vida, viver a ficção e compreender o real: é possível o sujeito refletir e elaborar sua própria identidade e proporcionar suas transformações através da arte, especificamente pelo cinema.

Algumas das características consequentes da Modernidade são a rapidez, o dinamismo, a aceleração, o custo, o tempo, a ampliação tecnológica. O filme promove a solidão com a interação com o outro imediato, sua linguagem cheia de efeitos emocionais mobilizam o Ser Humano. Assim, ao mesmo tempo que atende às necessidades e valores de nosso tempo, o cinema preenche a lacuna existencial que anseia por significação, arte, sentido.

A reflexão sobre o filme torna um pretexto para a afirmação de convicções e análises da realidade humana. De acordo com Irwin (s/d), o filme *constitui “um espelho de todos nós (...) em eco de nossas mentes, ou talvez, de nossas almas”*¹. O autor afirma que o mundo deriva da mente humana: o que denomina-se realidade objetiva é uma interpretação do sujeito e das convenções coletivas: *“Não vemos o mundo como ele é, mas sim como os nossos sentidos o captam”*².

O filme apresenta a habilidade de promover no Ser Humano a experiência catártica (resolução de conflitos intrapsíquicos através da fantasia), de se identificar com a projeção, que lhe faz repensar sua condição humana e sua vida, avaliar seus sentimentos, paradigmas e comportamentos.

De acordo com Vigotsky (?), o objeto estético adquire caráter estético específico através da percepção, da sensação e da fantasia do sujeito receptor. Em relação à arte, a ação das leis da natureza psíquica do Ser Humano não cessa em época alguma, e a arte é condicionada e determinada pelo psiquismo e realidade do Ser

¹ Irwin, W. Matrix, Bem Vindo ao Deserto do Real, p.23.

social. Em seu texto “psicologia da Arte”, o autor defende a arte como conhecimento da sabedoria, tendo como um de seus principais fins a pregação de valores e servir de guia. Reconhecendo o desprezo ocidental por esta faceta da arte – o conhecimento – e apontando como motivo desta realidade a diferença entre seu método para o método científico, Vigotsky aponta a arte como procedimento, catarse (ligada ao inconsciente humano), e agente que reflete e transforma as relações sociais.

Vigotsky afirma que a arte é procurada pelo Ser Humano justamente para viabilizar o sentir as emoções – seja porque não consegue comunicar em outra linguagem, seja porque evita enfrentar na vida prática. O tema da morte, por exemplo, repetidas vezes vivenciado com o medo, a incerteza, a dúvida e a angústia por diversas sociedades humanas, pode ser experimentado através da comédia, da fantasia ou mesmo do prazer, através da arte. O autor afirma que a arte é um modo de satisfazer os desejos: *“a obra de arte adquiriu a capacidade de cumprir essa complexa meta por ter, ao surgir, desempenhado na vida espiritual do artista o mesmo papel que desempenhou para o ouvinte na reprodução, isto é, permitiu o desvio e a satisfação fantástica de desejos comuns que ele ignorava”*³. E assegura-se que os elementos psicológicos da obra de arte – percepção, sentimento, imaginação – não são importantes em si mesmos, mas na relação estética que provoca no ouvinte.

O autor afirma que cada tipo de arte apresenta características específicas que, ao se relacionar, promovem um processo dinâmico de ligação e integração. No caso da comédia, gênero da obra que este trabalho pretende utilizar como suporte de análise, aponta que os personagens geralmente são triste, mas os espectadores riem e, citando Bérghson e Freud, conclui que o objetivo desse gênero é a transgressão das normas e da condição real da vida pela personagem, sendo processado pelo chiste, que conduz o pensamento simultaneamente em dois sentidos opostos: o da risada e a consciência de saber do preconceito ou problemática que geralmente está inserido no chiste; neste estilo, o feio é tão importante quanto o belo. Citando, Pliekhánov, Vigotsky confirma que *“a arte, às vezes, não é uma expressão direta da vida, mas uma antítese da vida”*⁴.

De acordo com suas investigações sobre Psicologia e Arte, Vigotsky afirma que a arte é um instrumento social que tem a finalidade de demonstrar os diversos sentimentos sociais, mas a interpretação e a semântica desses sentimentos são pessoais. Mesmo assim, a arte não deixa de ser algo coletivo: influencia não somente o

² Idem.

³ Vigotsky, Psicologia da Arte, s/p.

⁴ Pliekhánov In: Vigotsky, ibdem, p. 308.

sentimento, mas as vontades, modificando-as num novo sentido. Assim, aponta que a arte deve ser recurso para organização do comportamento futuro e de educação, com a função de crítica que fortalece o sujeito. Todavia, tal crítica não pode ter o objetivo de interpretar arte ou de preparar o espectador para perceber a obra artística, mas de conservar a essência da obra, mesmo que isso implique buscar revelar seu significado. Não é possível ensinar ou conhecer a arte como uma fórmula científica, pois à arte cabe cumprir o papel que sempre desempenhou: de ser um elemento criador e influente nas pessoas. E nisto constitui sua responsabilidade social: a influência que exerce na sociedade, podendo melhorá-la ou piorá-la, a organização que lhe propicia, a compreensão da realidade subjetiva que dificilmente seria comunicada por outra linguagem.

Cinema e Religioso

De acordo com Daniel (1999), o filme, enquanto expressão de arte, interage com a realidade humana, convertendo-se em elemento não apenas de linguagem, mas de transformação. Viabiliza ao seu público uma relação ativa, num espaço de liberdade e criatividade, onde é possível refletir sobre sua vida e seu cotidiano. Neste espaço, segundo o autor, surge a lacuna para o religioso, que define *como “a dimensão mística do filme”*⁵. Sua capacidade de proporcionar ao espectador uma experiência *“transrealista”*⁶, para além da realidade apresentada ou vivida, *“sendo um elemento que movimento o Ser Humano para a Transcendência”*⁷. Segundo o autor:

“O cinema, portanto, é um veículo de comunicação que, ao estabelecer uma relação comunicativa com o seu público, oferece a este a oportunidade de se confrontar, através de uma representação, com aspectos de sua realidade. Desta forma, pela experiência de um filme, o público pode ser motivado a transcender sua realidade vivida, criando uma nova” (DANIEL, 1999, 19).

Para o autor, este meio torna-se mais que entretenimento ao constituir uma forma de “experiência de vida”. Deste modo, defende a tese de que o filme, independente de seu gênero ou estilo, *“possui sempre um potencial teológico, podendo transformar-se, para quem o assiste, uma verdadeira experiência mística”*⁸. Temos nisto sua definição de religioso: o poder de transformação humano de desenvolver-se e

⁵ Daniel. Descobrimo o Religioso no Cinema, p. 11.

⁶ Ibidem, 19.

⁷ Ibidem, 19.

⁸ Ibidem, 25.

transcender o estado atual, o desejo de vida que move a pessoa. Assim, o autor não arrola o termo a uma religião ou credo oficial, mas o define como:

“... o impulso natural do Ser Humano para a sua realização como pessoa, para seu autoconhecimento e para a descoberta do sentido da vida. Ele é a força que nos leva na busca para recuperarmos uma felicidade algum dia perdida (religio – religere – religare), para irmos ao encontro de nossa origem, enfim, o religioso nos leva a transcender” (DANIEL, 1999, 27).

Segundo Daniel (1999), sendo base social, o religioso nos leva à socialização, ao encontro do outro, através do anseio pela felicidade, pela busca e amor do outro. Para ele, a exteriorização do religioso é a transcendência, que não se restringe à passagem para um mundo espiritual, mas consiste no desenvolvimento na realidade que se vive do percurso ao encontro dessa realidade espiritual: *“Transcendência significa ultrapassar a barreira do imediato, da evidência, pela experiência de vida”*⁹.

E, porque o ser humano sempre necessita do outro para chegar à completa transcendência, conclui que o cinema pode contribuir para sua transcendência sendo uma experiência religiosa ao provocar um mergulho no cotidiano da realidade humana, mediando a dimensão religiosa e mística a partir do reconhecimento, pelo público, do processo de realização, autoconhecimento e consciência humana nele trabalhados, bem como a relação entre esta transcendência e o Transcendente – Deus.

“... o cinema é espaço de experiência de vida, de encontro com o cotidiano e com a realidade, sendo portanto um instrumento de comunicação e interação com o mundo. Dentro desta perspectiva, o cinema torna-se o lugar de encontro com o Deus da Vida, passando a constituir uma verdadeira experiência religiosa e mística e uma fonte de reflexão teológica” (DANIEL, 1999, 59).

Em seus símbolos, em seus temas, nos motivos, nas problemáticas apresentados, o filme possui grande potencial místico, ao ter reconhecido pelo espectador seus aspectos e elementos religiosos ou de transcendência; ao vivenciar, pelo filme, em encontro consigo, vendo seu próprio ser e, nisto, seja impulsionado ao desenvolvimento, para transcendência enquanto transformação pessoal e social.

O filme que este trabalho se propõe a analisar, "Click", trabalha elementos místicos e de transcendência humana, como a tragédia, o amor, a morte, o sentido e o valor da vida. São elementos propícios à transcendência, uma vez que propõem situações limites, que levam à reflexão da essência da vida, bem como da irracionalidade da vida moderna – que ao buscar um vida plena e feliz, segura através

⁹ Ibidem, 28.

do acúmulo material gerado pelo trabalho excedente, leva o sujeito à experiência da solidão, da morte em vida, da perda da natureza íntima da existência. Em suma, esta análise orienta-se para além do entretenimento oferecido por esta comédia: para além do riso, “Click” afirma a tragédia da perda da transcendência na vida do Ser Humano urbano e contemporâneo, implícita na troca das relações interpessoais e da experiência do amor com o outro pela ilusão de segurança e felicidade no acúmulo de bens e na conquista de metas profissionais. De acordo com Daniel (1999):

No transcorrer da história da humanidade, o Ser Transcendente, a quem chamamos de Deus, manifesta-se como Amor, possuindo assim uma essência puramente comunicativa. Desta forma, o Deus da Vida sente-se realmente em casa onde o individualismo, o egoísmo, o isolamento, a alienação, deixam de existir, para dar lugar à comunicação, ao relacionamento, à integração e à interação” (DANIEL, 1999, 59).

Religião e Tempo Atual

Já não tão nítida, a velha Modernidade apresenta sinais de descoramento. Sua perspectiva de encontrar a Verdade através da razão se mostra fracassada, sua esperança de efetivar a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade se esvai como o entardecer, diante a realidade de intolerância, violência e imperialismo. O atual momento é caracterizado pelo fim de um tempo e a possibilidade de um novo começo: busca-se algo novo para definir o presente momento, defronte à insatisfação sobre a indefinição do tempo atual. Vivenciamos um tempo de trânsito, de passagem, em que a sociedade busca novos temas e novas tarefas ante às transformações que o Ser Humano provocou em sua realidade nos últimos quatrocentos anos. De acordo com Giddens (1991):

“A desorientação que se expressa na sensação de que não se pode obter conhecimento sistemático sobre a organização social, devo argumentar, resulta, em primeiro lugar, da sensação de que muitos de nós temos sido apunhalados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle.” (GIDDENS, 1991, 12)

Há uma condição Pós-Moderna de transição: não rompeu-se com a Modernidade, visto que o sistema que a define, o Capitalismo, perdura com sua cultura de consumismo; entretanto, algo de novo ocorre: uma realidade híbrida, que busca algo para além do desalento, do niilismo, das desesperanças, por novas tendências e atitudes que superem a ciência cartesiana para um ponto de mutação, com contornos indefinidos, mas há um consenso – de que a Modernidade alterou-se, e tudo é efêmero, veloz, desenraizado, simulação. É uma realidade de descontinuidades, do

espetáculo, totalitarismo, destradicionalização, insegurança, falta de confiança. O Ser Humano assume forma de códigos e números, esquecendo de si mesmo, da própria subjetividade. Perderam-se os símbolos, a identidade, a compreensão da realidade subjetiva. A vida humana tornou-se um apanhado de fragmentos e vivências sem referências, sem narrativas, sem significados.

Neste contexto, em que os símbolos que conectam o Ser Humano com a realidade e a Verdade subjetiva dão lugar a signos carentes de significados, proponho a reflexão sobre a experiência religiosa em tempos de simulacros e vazios e, na ausência de coerência na razão, o retorno da religião como suporte e farol ao indivíduo. Nas fronteiras da linguagem, a religião apresenta uma série de símbolos, narrativas, enredos que, de modo não racional, porém coerente, dão sentido e estruturam a existência humana, preenchendo as lacunas; uma possibilidade de flexibilidade, de adaptação e de transformação da intimidade. Tal e com a arte, auxilia a compreender a crise da Modernidade e a superar a lógica e a suportar a angústia e as incertezas. O espírito profundo do retorno da religião enquanto forma de conhecimento é o anseio por justiça, plenitude, fé sem dogmas: deve ser realizado em no poder simbólico da religião, ou seja, poder de unir duas partes de uma unidade, em que algo material remete a um sentido oculto, profundo e verdadeiro, impossível de expressar em linguagem lógica-racional.

Os signos, símbolos, metáforas, parábolas, alegorias, presentes na arte e no universo religioso são capazes de transpor os limites da linguagem racional, possibilitando a expressão tanto do Sagrado como da subjetividade presente na relação humana com ele, a Transcendência. Para além das regras claras da gramática e da ciência, para além dos paradoxos e metáforas da arte e da religião, a transcendência e o Sagrado fogem ao jogo de linguagem, configurando-se inefável, não inteligível pela razão, sem sentido para a lógica; é experiencial, misterioso, místico, não comunicável. O alcance de tal conhecimento é fenomenológico. De acordo com Queiroz (2006): *“Uma boa dose de desordem e de caos pode ser necessária para tornar humana a vida.”*¹⁰. De acordo com este autor, a religião pode ser um dos extremos da linguagem em algumas de suas manifestações, por meio de paradoxos, balbucios, do silêncio, da compreensão da fé como o não-sentido.

A Espiritualidade na Crise da Modernidade: Sinais de Esperança

¹⁰ Queiroz, J. J. Deus e Crenças Religiosas no discurso Filosófico Pós-Moderno. Linguagem e Religião, 11.

Por quatro séculos a perspectiva antropocentrada de que a razão resolveria as questões humanas a traria saciedade não se efetivou, configurando um tempo de incertezas e inseguranças, de devalorização do trabalho, de falta de identidade, de mercado como fetiche, de supervalorização do supérfluo, de exclusão, individualismo, aparência e superficialidade, virtualidade, consumismo, de privatização – seja econômica, seja filosófica, religiosa ou metafísica. A crise da Modernidade busca respostas fora do racionalismo. Neste ângulo, como acima discutido, a arte e a religião podem contribuir para a transcendência humana de seu atual estado na direção do encontro do equilíbrio. No entanto, a arte e a religião não são colocadas aqui como sinônimos de culto, credo, devoção, regra, ideal de beleza; antes, são paralelos à subjetividade e ascensão para fora do particular na direção do outro, metafísico: Compara-se à espiritualidade. De acordo com Betto:

“A espiritualidade não é uma questão simplesmente religiosa, é muito mais, é uma questão de educação da subjetividade, da interioridade, de nos reeducarmos para a comunhão conosco mesmos, com a natureza, com o próximo e com Deus” (BETTO, S/D, 44)

Deste modo, o resgate da historicidade e do sentido da própria existência revelam-se essenciais à integração do Ser e à ampliação de sua consciência de si, da sua relação com o outro, da sua influência e responsabilidade no mundo e em suas escolhas, enfim, do sentido e motivo de sua existência na relação com os semelhantes e com o Transcendente.

O filme “Click”, instrumento de análise da realidade contemporânea por este texto, retrata justamente a dificuldade em estabelecer valores orientadores e comportamentos que, de fato, proporcionem elevação existencial ao Ser Humano. Discute a legitimação do individualismo e do egocentrismo em nome da relação com o Outro, a validação da insanidade e do mal em título do bem estar, o flerte com a Morte (enquanto limite e fim) quando se busca a Vida (como transformação e abundância). A compreensão da morte como transfiguração, sendo certeza última da vida, revela o sentido da existência pessoal para além da materialidade.

“Acredito que o primeiro passo é buscarmos vínculos de solidariedade e comunidade. Enquanto estivermos fechados nos nossos próprios interesses e em interesses imediatos, não vamos conseguir (superar). Só conseguiremos se nos ligarmos à comunidade, à solidariedade, às boas causas (...) importa que representem uma construção coletiva (...) da fraternidade” (BETTO, S/D, 44)

O Método Fenomenológico

O método Fenomenológico fundamenta-se nos fatos e não nas construções de uma compreensão pré-estabelecida, ou seja, leva à teoria e proposições a partir dos fatos. Deste modo, cabe ao pesquisador uma postura o mais neutra possível, destituídas de seus preconceitos e paradigmas pessoais, voltando-se rigorosamente para as coisas, fatos e objetos de sua análise de fora de todas as teorias precedentes que possam deformá-los.

Como fato compreende-se a essência e as correlações essenciais em oposição aos fatos empíricos, contingentes; ou seja, não são observáveis, não se encontram no conhecimento sensível ou conceitual, estando ligado à organização particular do Ser Humano e regulado por sua prática. Deste modo, segundo Sheler (..), o pesquisador *“deve procurar um contato intuitivo com os objetos”*¹¹.

Os sentidos, para este autor, captam certos aspectos do real, representações ou símbolos, mas não sua totalidade, não atingindo a essência do objeto pesquisado. Afirma que *“na experiência fenomenológica, a essência do objeto pesquisado é diretamente presente à consciência, é dada imediatamente e não é conhecida por intermédio de sinais ou símbolos”*¹².

Assim, a fenomenologia é um método constante de dessimbolização da realidade, bem como a experiência fenomenológica é a experiência imanente, para além da lacuna do símbolo: é o que se apresenta, é aquilo que é. Ou seja, para além das essências inteligíveis, a experiência fenomenológica integra também as essências alógicas, impenetráveis pela razão, independentes do sujeito. Para Sheler:

“Existe em cada região da realidade uma verdade intrínseca, que não se estabelece pela aplicação de princípios gerais de origem externa, mas que é constituída pela testemunha direta dos fenômenos em questão, e pela evidência que deles surge” (Sheler, ano, 22).

Verdadeiro, nesse sentido, confere-se ao que é autêntico, ao objeto tal como parece ser, à sua essência e não ao juízo que dele se faz. É o oposto da ilusão, pois corresponde à realidade, ao que é no sentido mais profundo desta expressão. De acordo com Sheler, *“a verdade intuitiva é que constitui a base de toda verdade completa”*¹³. Deste modo, para acessar dados puros, o pesquisador deve valer-se da consciência intuitiva, ou seja, da suspensão dos juízos e do desprendimento da realidade efetiva para observar a essência.

¹¹ Sheler, Max. História do Existencialismo e da fenomenologia, ano , 20.

¹² Idem

¹³ Ibidem, 22.

“A realidade das coisa não pode ser provada, mas apenas experimentada, vivida; ela é tão inacessível ao intelecto, à representação, ao pensamento, como a cor ao ouvido” (Sheler, ano, 22).

Deste modo, a “desrealização” leva ao conhecimento verdadeiro e profundo que se emprega em buscar os princípios que as realidades particulares ilustram e a quem devem sua possibilidade. Em suma:

“Em si, a experiência da realidade não é fundamentada sobre o ser daquilo que é imanente à consciência; ela não pode ser de natureza voluntária. Longe de condicionar essa experiência, a vontade consciente a pressupõe: encontra perante si uma realidade acabada em certo sentido, já determinada, fora da qual não há nem deliberações nem decisões verificáveis. Como pois, as manifestações raras e descontínuas da atividade voluntária explicariam a constância e a continuidade do sentimento do real? O sujeito original da experiência da resistência é o outro; é a espontaneidade vital, a vida sempre ativa, mas ao mesmo tempo totalmente involuntária das nossas tendências, isto é, a atividade do centro vital e tendencial, centro da natureza psíquica, o que não significa no entanto que os impulsos resultantes sejam referidos ao eu. Nesse sentido são “não-centrais” (em oposição ao “Eu quero”). Constituem o fundo daquilo que há de inconsciente e de pré-consciente em nossa vida psicológica. É só aqui que encontramos a raiz do sentimento do real; é em relação a essas forças são pré-conscientes que a intuição da realidade é anterior a todas as determinações alcançadas pelo eu e antecede a formação da consciência de si” (Sheler, ano, 25)

No sentido da busca da essência sobre o sentido metafísico da vida contemporânea e o limiar da Morte retratados na linguagem cinematográfica, a seguir este trabalho pretende analisar o conflito humano diante o viver e o morrer, bem como sua relação com espiritualidade e com as características da Crise da Modernidade, através da decomposição dos elementos simbólicos constituintes do religioso e metafísico no filme “Click”. Investigando sobre os elementos e símbolos religiosos referentes à angústia humana sobre o viver e o morrer no modo de vida contemporâneo presentes no filme, além da percepção contemporânea da relação entre Vida, Morte e Transcendência, exprimida no mesmo, o texto a seguir o texto considera que a arte cinematográfica reflete simbolicamente a vida e sua análise pode evidenciar os conflitos coletivos ou comuns da humanidade, auxiliando a compreensão dos conflitos existenciais no cotidiano das pessoas e que a espiritualidade (ou a experiência mística/religiosa não dogmática) promove a ampliação da consciência existencial do Ser Humano e do sentido da sua vida e morte, ao apontar a transcendência nas relações e experiências do Amor. Deste modo, o texto a seguir pretende demonstrar e discutir, através do método para análise teológica do Filme (de Roberto F. Daniel), que o filme “Click” apresenta elementos religiosos e simbólicos que condensam o sentido da Morte e Vida na existência humana em crise de valores e

identidade; retrata que a experiência simulacra de existência promove a sensação de vazio e de perda de tempo no Ser Humano Contemporâneo que, ao buscar controlar sua realidade, perde o sentido e o valor da vida, tendo a experiência do estado de morte em relações e atitudes mecânicas e alienadas; e traça que o encontro do Ser Humano, imerso neste estado de sonambulismo, com o limite da vida, é uma experiência transcendental que promove a reavaliação de suas escolhas.

Click: Um toque para viver ou para morrer

O Filme tem seu início com a rotina familiar entre pais e filhos da classe média tradicional urbana. As crianças dominam a tecnologia, a família trava uma competição material com a realidade, em que crêem que, para conforto financeiro que a família solicita, a pessoa provedora deve mergulhar no trabalho na busca da felicidade que poderia comprar com o dinheiro através dele adquirido, mas que acaba por afastar-lo da própria família.

Sob a pressão entre escolher viver experiências com a família no presente - mas com restrições econômicas (que acredita inviabilizar a felicidade) - ou adiar para o futuro tal contato, na expectativa de que, se arduamente dedicar-se ao trabalho presente, poderá desfrutar da família e da situação financeira estável no futuro, Michael, o personagem principal, entra numa crise de estresse ao perceber que não sabe utilizar tantos controles remotos lotados sob a mesa de centro da sala. Sai em busca de um controle remoto universal, já no início da madrugada, e encontra aberta somente a loja “Cama, Mesa e Além” (bed, bath & Beyond). Ao procurar o controle universal, acaba deitando-se numa cama do mostruário, de onde avista uma porta que leva ao setor “Além”.

Neste corredor encontra o Sr. Morty, que lhe disponibiliza um controle remoto universal especial, como ele procura: um controle remoto universal, que torne sua vida menos complicada e faça tudo por ele. Morty lhe oferece algo “que abala seu universo” no setor “Way Beyond”: um controle da vida real, que se auto-programa “porque gente boa precisa dar um tempo às vezes”. Mas recomenda que ele aproveite, avisando que o equipamento não tem devolução.

Assim, com o controle, ele passa a acelerar a vida em todos os aspectos relacionais, concentrando-se nas dinâmicas profissionais, para chegar mais rápido onde pensa estar sua felicidade, “pulando” os acontecimentos corriqueiros mas essenciais à vida, como brincar com os filhos, discutir com a esposa, ficar na

companhia dos pais ou dos amigos. Acredita que, com isso, ficará logo rico e desfrutará da esposa e dos filhos, entregando-se inteiramente e para todo o sempre a eles.

Contudo, o controle apresenta um dispositivo tal que se auto-programa, de acordo com a leitura que faz sobre as preferências e preterências de seu proprietário, de acordo com seu “modus vivendi”, e com as prioridades que estabelece no uso manual do controle. Ele perde o controle sobre o controle: vive no “piloto automático” seus relacionamentos, como um ser mecânico, dedicando-se exclusivamente ao trabalho, concentrando-se nas possibilidades de promoções profissionais, contudo, sem encontrar sentido nisto, experimentando profunda angústia por perceber que sua vida passa sem ser vivida. Morrem seus cães, morre seu pai, os filhos crescem, a esposa se divorcia dele, e ele não presencia nenhum destes processos ou ciclos. Então, refletindo sobre a sua “não vida”, diante o túmulo do pai, tem a revelação que Morty, quem lhe deu o controle da universal da vida é, na verdade, o Anjo da Morte.

Culpa Morty por não ter vivido, mas em discussão com o anjo percebe que viveu a vida da forma que escolheu viver. Contudo, quando tenta mudar a direção, está ligado a aparelhos, numa cama hospitalar. Ao tentar resgatar os laços com sua família em seus últimos momentos, encontra o destino certo da vida, a Morte. Neste possível final trágico da comédia, Michael acorda na cama da loja, no momento anterior ao que entrou no corredor do “Além”. Conclui, feliz, que tudo foi um sonho motivado pelo estresse ao qual se submete, e pensa em fazer escolhas diferentes em sua vida. Porém encontra, em sua casa, um controle que pode acelerar a vida com um bilhete do sr. Morty, dizendo que teria outra chance. Então, resolve apropriar-se do seu tempo: joga o controle fora.

O tema central do filme é a perda do sentido da vida no tumulto da crise da Modernidade. Discute o problema enfrentado por centenas de pessoas que vivem em grandes centros urbanos: a tensão decorrente do paradigma entre a competição material em busca da felicidade e a perda do sentido da vida no decorrer desta competição. Imerso no pragmatismo materialista, no relativismo moral, em relações marcadas pelo individualismo e egocentrismo, o Ser Humano contemporâneo vive uma experiência de niilismo em seu cotidiano. Nesta crise de valores e de referenciais, contextualizada no filme, é discutido seu problema central: o sentido da vida. Diante da irracionalidade do adiamento dos ciclos naturais de vida, acelerando o morrer, o

personagem central encontra o sentido da vida: a existência plena, baseada em valores humanos e solidários.

Apresenta temas religiosos, como o Anjo da Morte, a angústia diante a perda de entes queridos, o túmulo com a estrela de David, a falta de confiança e necessidade de busca externa de um instrumento de controle da vida, embora trate-se de uma comédia dramática. Com bom humor e sátira, faz crítica ao modo contemporâneo de viver do ser humano, marcado por um “não viver” que o aproxima daquilo que é o mistério com o qual sempre lutou e o qual nunca aceitou: a Morte.

Neste contexto, o filme propõe o motivo do sentido da vida em tensão com a irracionalidade com a qual é tratada na pós-modernidade. O grande mistério da existência, bem como do seu fim, a Morte, é grande mobilizador da reflexão proposta no roteiro. Na face de Michael, o público ocidental, contemporâneo, adulto, produtivo e sensível vê o retrato de seu cotidiano. Nisto, este roteiro proporciona uma possibilidade de auto-desenvolvimento: a reflexão do valor e do sentido da sua existência pessoal, a reflexão sobre a dicotomia entre os valores professados em seu discurso e as escolhas que realmente faz em sua vida. Deste modo, tal como Michael no roteiro de “Click”, o público é convidado a um movimento de transformação pessoal e social, transcendendo sua imanência a partir da consciência da sua certeza de vida, a morte.

Com a misteriosa experiência de Michael em acelerar a vida, deixando de vivê-la, o público é convidado a abraçar o sentido da vida, o próprio viver, diante a iminência do morrer. Embora com alguns símbolos religiosos explícitos, como a estrela de David no túmulo do pai de Michael, o religioso neste filme está presente na experiência mística de viver em plenitude e no amor, bem como de morrer. Os elementos da dor, do amor, da perda de seres amados (seja no divórcio, seja com a morte), da não convivência humana, são temas que levam à reflexão sobre a essência da vida em face de qualquer outro valor material que o sujeito possa escolher como referencial ou objetivo de conquista. Do mesmo modo, a busca da felicidade, o desconhecimento do seu caminho, a negligência da verdade interior inspirada pelo Grande Mistério em cada um, a perda da vida na tentativa de controlá-la: fascinante e terrível.

Quando Michael decide avançar meses em sua vida em busca do momento da promoção profissional, o anjo lhe previne sobre as consequências de seus atos. É o que a Morte nos diz diariamente: viva o melhor que puder cada momento da vida, pois é o responsável por sua história no exercício de sua liberdade. Michael não percebe que “superar situações problemáticas” é o próprio movimento de crescimento humano

que, ao nos conscientizar do estado de “desgraça” humano, na percepção do mal radical em nós, possibilita a humildade necessária para reconhecer limitações, aceitá-las, aprender com elas, crescer e se desenvolver a partir destes limites da existência.

O roteiro denuncia o fato da sociedade ocidental contemporânea desejar um ideal de felicidade e plenitude mas, no comportamento cotidiano das pessoas, tal como Michael, escolher o trabalho e o dinheiro, a pressa e a alienação, em detrimento dos relacionamentos interpessoais. A promoção salarial soa como a nova promessa de salvação; a possibilidade de sociedade simboliza o que em outro discurso diria-se o paraíso. O jejum religioso passa a ser, equivocadamente, o não saborear a vida: mesmo quando se alimenta, não nutre o corpo nem o espírito. E, com tal denúncia, satiriza a indagação moderna sobre o motivo de, mesmo com tantos avanços tecnológicos importantes e promotores da condição humana, o Ser Humano demonstrar-se mais insatisfeito com a existência que em qualquer outra época histórica registrada no Ocidente.

O desejo pelo “controle” representa a busca ilusória por transcendência diante a falta de confiança na vida. Mas, se viver é o próprio caminhar para a grandiosa, misteriosa e temida Morte, apressar a vida significa aproximar-se daquilo que se teme.

O filme ainda trabalha o maior presente e Dom que a vida oferece ao ser Humano: o livre arbítrio. Quando Michael reclama à esposa - “a cada escolha que faço, eu decepiono alguém” – sabiamente, ela responde – “Então pare de decepionar as pessoas erradas”. Viver consiste em fazer escolhas diárias baseadas em nossos valores e objetivos, cientes que as consequências das ações escolhidas serão de nossa responsabilidade. Ninguém é escravo quando vive, mas toda vida alienada é escravizante, pois retira do sujeito por ele mesmo o seu Dom de ser livre.

Deste modo, a perda dos significantes religiosos, morais e dos valores humanos que leva o sujeito à experiência de crise de identidade e de dúvidas sobre suas escolhas, frequente na pós-modernidade, leva ao vazio existencial, à desconexão com o todo, à impossibilidade de transcendência pela escolha de compor uma vida “não vivida”. Contudo, o encontro e a consciência da Morte constitui elemento místico, uma vez que leva à revisão da vida e ao juízo sobre os valores pessoais do indivíduo, possibilitando novas escolhas, transformação humana e, então, a transcendência expressa numa vida baseada na experiência de amor ao próximo.

A realidade da morte e o encontro com ela, ou seja, a consciência de que é um fato intransponível para o ser humano, nos pode ser bons por lembrar-nos que estamos

vivos e, com isso, do valor e importância dos acontecimentos corriqueiros da nossa existência para a riqueza espiritual. Estamos todos constantemente morrendo, e negando este processo deixamos realmente de viver, pois viver pode ser definido como o lendo aguardar pelo encontro da morte. É a morte o destino e o fim de toda criação. E o religioso, tremendo e fascinante apresentado no filme “Click” é justamente nossa possibilidade de, a um toque na imanência, atingir a transcendência, ou, de outro modo, perder a existência antes da chegada da morte, quando ignoramos seu verdadeiro sentido.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Danilo di Manno. Corpo e Existência: contra um duplo esquecimento dos corpos. (in mimeo)
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacro e simulação. Lisboa, ed. Relógio D'Água, 1991.
- BETO, Frei. Crise da Modernidade e Espiritualidade. In: RAITMAN, Ari. O desafio Ético. Rio de Janeiro, Garamond, s/d.
- CHANGEUX, Jean-Pierre. Uma ética para Quantos? Bauru (SP): Edusc, 1999.
- CONNOR, S. Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1993.
- CORACI, Frank. Click. USA, 2006, 107m.
- DANIEL, Roberto Francisco. Descobrimo o Religioso no Cinema: Pequeno Método para análise Teológica do Filme. Bauru (SP): Edusc, 1999.
- IRWIN, William. Matrix: Bem Vindo ao Deserto do Real. São Paulo, Madras, s/d.
- GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GIOVANETTI, José Paulo. Pós Modernidade e o vazio Existencial. In: Castro, D. S. P. de; et al. Existência e Saúde. São Bernardo do Campo (SP): UMESP, 2002.
- LEFREVE, Ana M. C. O discurso do sujeito coletivo. São Paulo: EDUCS, s/d.
- LEITE, Sidney F. O cinema manipula a realidade? São Paulo: Paulus, 2003.
- LYOTARD, Jean-François. O pós Moderno. RJ: José Olympio, 1993.
- MARTELLI, Stefano. A religião na Sociedade pós-Moderna: entre secularização e dessecularização” São Paulo: Paulinas, 1995.
- QUEIROZ, José J. Deus e Crenças Religiosas no discurso Filosófico Pós-Moderno. Linguagem e Religião. In: REVER
- RIVERA, Tânia. Arte e psicanálise. RJ: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SHELER, Max. História do Existencialismo e da Fenomenologia.
- VATIMO, Gianni. O Fim da Modernidade: Nihilismo e Hermenêutica na Cultura Pós-Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIGOTSKY, Liev S. Psicologia da Arte. São Paulo: Martins fontes, s/d.
- WALZER, Michael. Da Tolerância. SP: Martins Fontes, 1999.